

“ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR”: A INVISIBILIDADE DE CHIQUINHA GONZAGA E A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO¹

Ana Júlia Carvalho Fernandes²
Ana Claudia Perpétuo de Oliveira³

Resumo: Chiquinha Gonzaga foi uma grande musicista com vasta contribuição à construção da identidade musical brasileira. Seus feitos extrapolam o contexto musical, entretanto, como muitas mulheres que tiveram um protagonismo na história sua atuação ficou de certa forma “apagada”. O acesso à riqueza da história desta mulher foi possível por causa de organismos responsáveis pela salvaguarda de documentos. Levando em consideração essa percepção, esta pesquisa tem como objetivo investigar a relevância dos registros de informação sobre Chiquinha Gonzaga para um maior conhecimento das questões de gênero e raciais na cultura brasileira. Como fundamentação metodológica foi utilizada a Teoria das Representações Sociais (TRS) e como instrumento a coleta de narrativas a partir de entrevistas semiestruturadas. Utilizou-se como ferramenta a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para o tratamento e análise das entrevistas. A partir dos relatos, compreende-se a importância de darmos visibilidade e incentivo a estudos que retirem a invisibilidade de mulheres na história. Pode-se perceber o quanto de Chiquinha foi apagado para que sua história coubesse na narrativa que julgassem correta, portanto, frisamos o quão importante são seus registros para revelar suas contribuições significativas, bem como o que a fez se tornar emblema de lutas atuais. Por fim, destaca-se a importância de conhecermos nosso passado para produção de mudanças significativas em nossa realidade, bem como reconhecer que muitos foram negligenciados na história, mas foram imprescindíveis para abrir espaços à diversidade.

Palavras-chave: Chiquinha Gonzaga; Cultura Brasileira; Preservação da Memória.

1 INTRODUÇÃO

Diante do atual contexto de nossa sociedade de mudanças e reivindicações, é perceptível a necessidade de continuamente discutirmos e abordarmos temas que muitas vezes foram reprimidos ou silenciados. Dentre os acontecimentos ao longo da história, observa-se a predominância do protagonismo do gênero masculino nas narrativas e atuações, com pouca participação e envolvimento feminino. Personagens

¹Artigo elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.

²Graduanda do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação (CIN), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - E-mail: ana.fernandes248@hotmail.com

³Orientadora Professora do Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - E-mail: ana.oliveira@ufsc.br

femininas que vemos com mais frequência como Joana D’Arc, Cleópatra ou Princesa Isabel, têm suas histórias contadas pelo olhar masculino de forma inferior ou, muitas vezes, com contexto moralizante.

É importante ressaltar que muitas mulheres não tiveram seus feitos narrados ou registrados da forma que mereciam, tornando-se parte da memória de seu povo. Com base nessa concepção, a presente pesquisa considera evidenciar uma mulher brasileira, importante e invisibilizada na nossa cultura. Mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, uma mulher amplamente relacionada a muitos acontecimentos na História do Brasil, teve sua realidade bem descrita em uma reflexão de Dalva Lazaroni, onde questiona: “como pode ter sido ignorada pelos historiógrafos oficiais? [...] Que sentimentos seriam capazes de inspirar tanto descaso para com a memória desta mulher?” (LAZARONI, 1999, p.9).

Reconhecendo que há muito a se aprender sobre a cultura brasileira e que Chiquinha foi muito importante para esta, busca-se colocar um “olhar” sobre os registros informacionais como ferramenta de disseminação do conhecimento acerca da cultura brasileira e preservação de sua História. Levando essa ideia em consideração, foram levantadas questões como: quais documentos foram relevantes para preservação da memória e da história de Chiquinha Gonzaga? Qual a importância destes documentos para identificar aspectos das questões de gênero na cultura brasileira?

A pesquisa justifica-se pela perspectiva biblioteconômica de que os profissionais da área podem atuar em diversos centros de informação e estes são também centros de memória. Portanto, ao lidar diretamente com a memória e cultura de um povo, registrados de diversas formas, faz-se necessária a consciência de que com nossas práticas contribuimos com a divulgação, acesso do nosso passado, bem como, com os movimentos de mudança de nosso presente e futuro.

No Brasil, muitos não têm acesso a informações que deveriam ser direito de todos, a área cultural é frequentemente negligenciada por falta de investimentos. Os investimentos direcionados para a cultura protegem muito mais que os materiais, protegem conhecimento e história e a ausência deles causa perdas imensuráveis como o caso recente da Cinemateca, apontado como descaso do governo com a cultura⁴.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar a relevância dos registros de informação sobre Chiquinha Gonzaga para um maior

⁴ Incêndio na Cinemateca é resultado de descaso do governo, apontam senadores. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/30/incendio-na-cinemateca-e-resultado-de-descaso-do-governo-apontam-senadores>. Acesso em: 15 jul. 2021.

conhecimento das questões de gênero na cultura brasileira. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: demonstrar a importância dos registros de informação para a preservação da cultura; apontar aspectos da questão de gênero e a invisibilidade da identidade das mulheres na História; identificar a relevância de Chiquinha Gonzaga para a cultura e história do Brasil; analisar quais documentos foram relevantes para o acesso à história da compositora e sua contribuição para as questões de gênero no Brasil.

Para construção da pesquisa e busca de conceitos foram utilizadas bases de dados como SciELO, Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica (Oasis - IBICT), Google Acadêmico e Google Livros.

O estudo fundamenta-se metodologicamente na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici e foram realizadas entrevistas para coleta de discursos sobre o tema tratado com três biógrafos da compositora e pianista. Para o tratamento e análise dos dados foi aplicada uma parte da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), portanto, sem considerar o sigilo dos entrevistados, dispensada pelos mesmos.

Deste modo, é possível uma reflexão sobre a invisibilidade de Chiquinha Gonzaga, sobre os registros que foram importantes para revelar sua história e compreender o alcance de sua atuação em sua época, como figura feminina. Além disso, em tempos de obscurantismo, também é possível evidenciar uma mulher, artista, que muito contribuiu na identidade musical e cultural do Brasil e também nos papéis e posições da mulher na sociedade.

2 CULTURA BRASILEIRA, MEMÓRIA E CHIQUINHA GONZAGA

Nesta seção são apresentadas as principais questões conceituais para um maior entendimento do tema abordado. Trazendo definições de cultura, a importância dos registros para a memória de um povo e abordando ainda a vida de Chiquinha Gonzaga e suas contribuições em nossa cultura, para embasamento da pesquisa.

2.1 Registros de informação para a preservação da cultura

Cultura é uma palavra que pode significar muitas coisas, mas mesmo com sua complexidade, possui muitos aspectos partilhados pelo senso comum. Os conceitos de cultura pelos pontos de vista de Laraia (2001) e Botelho (2001) convergem no entendimento de que é resultante da socialização dos indivíduos, da interação deles com o meio em que vivem, criando mundos de sentidos, identidades e modos de enxergar esses mundos.

Na concepção de Edward Tylor, pioneiro na definição formal do termo⁵, cultura é descrita como um conjunto de “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLER, 1871, *apud* LARAIA, 2001, pág. 25). Pela cultura, somos herdeiros “de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam.” (LARAIA, 2001, p. 45). A cultura é dinâmica e essa dinamicidade é possível pelas trocas culturais que temos durante nossas vidas. (BOTELHO 2001)

Partindo da premissa de que a cultura se expressa no meio em que estamos inseridos, Martha Abreu (2003) nos mostra que a cultura popular é algo que vem do povo, que constrói uma identidade cultural mutável, ilimitada e nos faz pensar nossa realidade social.

Para construção de uma identidade nacional precisamos de elementos simbólicos e materiais que representem a realidade e visão de mundo do brasileiro. Candido (2006, p. 127) destaca que somos etnicamente mestiços e em nossa cultura há essa ambiguidade de sermos latinos, mas com heranças culturais africanas, ameríndias e europeias. Isso não é um problema, pois, ao mesmo tempo que dizemos que o Brasil tem uma cultura que se “assenta na mistura” (FIORIN, 2009, p. 119), também é um país que possui uma “entidade complexa e fluida que não corresponde a uma forma dada, senão a uma tendência em busca de uma autenticidade jamais lograda” (VANNUCCHI, 1999, p. 15).

É buscando a autenticidade que vai se encontrando o caminho até o que chamamos hoje de cultura brasileira. O fato é que nossa cultura é marcante no quesito diversidade, reunindo contribuições de todos os povos que aportaram no país com suas diferenças étnicas, culturais, sociais, políticas e econômicas. Diniz (2009) nos traz uma fala em que Gilberto Freyre destaca, que foi a

⁵ TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. Londres: John Mursay & Co. Disponível em: https://openlibrary.org/books/OL21884077M/Primitive_culture. Acesso em: 20 jul. 2021.

música, dentre as artes, a principal aliada do Império brasileiro e da sua ordem social, [...] ter se realizado então mais pelos ouvidos que por qualquer outro meio, a unificação desses brasileiros de várias origens em um brasileiro se não de um só parecer, quase de um só sentir. Pois se umas músicas os dividiam em classes, em raças em culturas diferentes, outras os uniam num povo só, através de uma síntese sonora de antagonismos e contradições. (DINIZ, 1999, p. 87)

A música possibilitou esse “encontro” cultural mesmo com sua diversidade através das diferentes regiões e se destaca no contexto brasileiro como uma das expressões culturais mais marcantes da identidade do país. O samba e o futebol - salientando que somos muito mais que estes estereótipos – são elementos da nossa cultura de forte identificação. Caetano, Missio e Deffacci (2017, p. 11) argumentam sobre a música brasileira ser “um dos mais importantes meios para a manutenção e a promoção da identidade nacional”, ou seja, além de contribuir em nossa identidade cultural, também propaga e dá visibilidade ao nosso país.

Em nossa história colonial, fomos moldados por uma educação pautada na religião moralizante. A música brasileira por muitos anos foi considerada imprópria ou indecente perante a burguesia. O próprio samba “enfrentou forte rejeição e preconceito por ser considerado subversivo para a sociedade burguesa” (CAETANO; MISSIO; DEFFACCI, 2017, p. 11) mas também foi instrumento de expressão em lutas de direitos e liberdade de expressão. Com efeito, a música é resultado de um contexto ao mesmo tempo em que significados são expressos por meio dela (MENEZES BASTOS; BASTOS, 2013, p. 134).

Temos outros estilos e ritmos musicais no Brasil que ainda sofrem rejeição. O rap, incluso na cultura do hip hop e o funk sofrem o mesmo mal do samba de serem considerados impróprios, o ‘porém’ se encontra na produção dessas músicas. Quando vêm do pobre e do negro, narrando sobre as injustiças, realidades e opressões, instantaneamente aparece os preconceitos sobre as músicas desses estilos (DAYRELL, 2002).

As manifestações culturais, como a música, contêm em si informações histórico-sociais e relembrando-as podemos relatar novamente acontecimentos da história, aspectos de um povo, críticas a uma sociedade e etc. Naxara descreve que “os homens lançaram mão da palavra, do desenho e da pintura, como formas de alcançar o conhecimento e garantir a memória; como maneira de expressar, guardar e transmitir as impressões vivenciadas na sua relação com o mundo natural” (NAXARA, 2004 *apud* CAMILO RUIZ, 2017).

A invenção da escrita viabilizou a circulação dos saberes e transmissão dos conhecimentos de forma concreta, bem como a História, que “nasce com a escrita ao fornecer um registro secundário e perene do ato linguístico primário e transitório, permitindo a reflexão sobre o conteúdo da comunicação, sobre as coisas do mundo e o que sabemos dele” (ANITA NETA, 2003, p. 4). Sendo assim, nossa história e nossa cultura, passam a ser reproduzidas por meio de registros informacionais, e ao longo do tempo ganhando também novos tipos de suportes para sua veiculação, mas com a principal característica de “ser rica fonte de informação” (MERLO; KONRAD, 2015, p. 27). Indolfo (2007) também aponta que a informação registrada

sempre foi o instrumento de base do registro das ações de todas as administrações, ao longo de sua produção e utilização, pelas mais diversas sociedades e civilizações, épocas e regimes. Entretanto, basta reconhecer que os documentos serviram e servem tanto para a comprovação dos direitos e para o exercício do poder, como para o registro da memória. (INDOLFO, 2007, p. 29)

Com os registros informacionais podemos acompanhar a memória de um povo através do tempo, já que esta “faz ver o fato a partir dos indivíduos ao mesmo tempo que reencontra neles a ascendência mais pertinente dos acontecimentos, as influências mais profundas e indelévels de uma época” (GONÇALVES FILHO, 1988, p.98). Um ponto notável na memória de um povo, é que nem sempre ela irá abranger o ponto de vista da maioria das pessoas, a memória coletiva inclusive é

formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes pelos grupos dominantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memória que são os memoriais, monumentos, murais, arquivos, bibliotecas, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que exprimem a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade. (SIMSON, 2003, p. 14)

Podemos observar, portanto, que os registros nos trazem uma memória que envolve os elementos que as gerações passadas nos comunicaram e que servem para entendermos o nosso entorno, sobre o que somos e pensamos.

Uma questão que merece ser destacada é que os registros contêm as informações que são julgadas importantes por quem a registrou, comumente grupos dominantes. Simson (2003) enfatiza que são também predominados pelo discurso patriarcal, fazendo com que muitas personalidades femininas tivessem sua participação diminuída, deixada de lado ou até mesmo totalmente apagadas dentro da historiografia.

Era muito fácil e cômodo para os homens que escreviam história até o século passado reduzir a figura feminina ao papel de mãe, filha ou esposa de algum outro homem. D. Leopoldina, por exemplo, encaixa-se nesse modelo até hoje nos livros escolares. Quando ela aparece, se aparece, é mencionada como sendo mãe de D. Pedro II e esposa de D. Pedro I. Nenhuma palavra é dita a respeito do seu papel no processo da Independência.

Muitas mulheres sobressaíram o suficiente para terem suas histórias, depois de descobertas, transformadas em livros ou teses, mas estes eram restritos a um grupo específico de interessados. Outras não tiveram tanta sorte. Suas memórias, ou seus fragmentos biográficos, alguns verdadeiros quebra-cabeças, ainda descansam em arquivos ou na posse de particulares. Isso falando dos escritos que não sofreram censura das famílias ou das próprias mulheres. (REZZUTTI, 2018, p. 12)

Podemos então dizer que os registros informacionais trazem sim informações relevantes, além de um olhar para um passado agora palpável. No entanto, há muito ainda a se discutir sobre esse passado que nos é apresentado bem como as reflexões deste, principalmente por sua maioria nos ser apresentada pelo olhar patriarcal.

Para que isso fosse possível de se apresentar e comprovar, emergem, portanto, estudos sobre questões de gênero que iam além de evidenciar a desigualdade nos âmbitos sociais. Proporcionaram um olhar mais aguçado para detalhes em fatos históricos, bem com a possibilidade de surgimento de escritos que privilegiavam “atenção às mulheres do passado e o reconhecimento de que a condição feminina é constituída histórica e socialmente” (PINSKY, 2009, p. 160).

2.2 Questões de gênero e invisibilidade da mulher na história: vamos falar de Chiquinha Gonzaga

Globalmente, por muitos anos as mulheres têm sido um tópico “marginal” ou um assunto separado na escrita da história. Mesmo com os principais relatos do feminismo, ou o movimento sufragista no fim do século XIX e início do século XX, a história das mulheres como um campo de investigação surgiu mesmo na década de 1960, inclusive no Brasil, em 1969, onde Heleieth Saffioti faz uma análise da mulher na sociedade brasileira (MATOS, 2013).

Como um campo de investigação, permite-se produzir correções significativas para a escrita tradicional em que foi ofuscado o papel das mulheres. Passa a ser mais aprofundado, buscando bases documentais e teóricas para provar que essa invisibilidade foi frequentemente repetida pelo status subjugado das mulheres, particularmente aquelas que não têm privilégios sociais, étnico-raciais ou políticos. Com isso se introduz os Estudos de Gênero e, como destaca Pinsky (2009, p. 162), muitas questões foram herdadas da História das Mulheres, mas muitos pontos passam a ser “reformulados ou contestados”.

Pensando em reformulações ou contestações, há na própria causa feminista a necessidade de rever os ideais pois algumas vezes se torna também opressor e excludente. Angela Davis (2016) comenta de como as questões de gênero, raça e classe têm perseguido o movimento feminista desde seu início, e de que “o racismo operava de forma tão profunda no interior do movimento sufragista feminino que as portas nunca se abriram de fato às mulheres negras” (DAVIS, 2016, online). Desse modo, devemos auxiliar para que as lutas antirracistas e o feminismo negro ganhem mais espaço político e social, fortalecendo a democracia e as práticas igualitárias.

Mas quando o assunto é gênero, muitos autores se remetem à Joan Scott (1995), pois ela trouxe novas perspectivas, colocando o termo como uma dimensão que exige análise, principalmente histórica, buscando a desconstrução de uma supremacia masculina e investindo na igualdade, já que todo fenômeno social está amplamente ligado a uma dimensão de gênero. Gênero, na definição de Scott, é questão composta por quatro elementos inoperáveis se não estiverem em conjunto, pois são mutuamente dependentes:

em primeiro lugar, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequências contraditórias) [...] Em segundo lugar, conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas. [...] O desafio da nova pesquisa histórica consiste em fazer explodir essa noção de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão [...] deve incluir uma concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social - este é o terceiro aspecto das relações de gênero. O quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva. (SCOTT, 1995, p. 86-87)

Pinsky (2009, p. 162) complementa que a adoção do termo auxilia no entendimento de como se davam as relações e representações de gênero no passado nos processos históricos e ao identificar e analisar essas relações sociais percebe-se também a influência que isso causa nas percepções, debates e *designs* contemporâneos. Na tentativa de visibilizar as mulheres, reescrevendo a História “ganham destaque as biografias de mulheres e as evidências da participação feminina nos acontecimentos históricos e na vida pública” (PINSKY, 2009, p. 160).

Chiquinha Gonzaga foi uma dessas mulheres, apresentou muitas facetas em sua história de vida. Primeira compositora da música popular brasileira, Francisca Edwiges Neves Gonzaga, mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, foi também pianista e maestrina, e uma mulher que fez de sua coragem uma marca e ferramenta em sua luta pela liberdade. Wandrei Braga, na página inicial do site oficial sobre a vida e obra de Chiquinha Gonzaga, destaca:

mulher e mestiça, enfrentou todos os preconceitos da sociedade patriarcal e escravista para se firmar como pianista, compositora, regente, e por fim, líder de classe em defesa dos direitos autorais. Pioneira, Chiquinha Gonzaga abriu alas para todas e todos, deixando seu exemplo de luta pelas liberdades no Brasil. (BRAGA, 1999)

Filha do segundo-tenente José Basileu e de Rosa Maria, alforriada na pia batismal, nasceu em 17 de outubro de 1847 na cidade do Rio de Janeiro, encantada por essa cidade, foi onde viveu a maior parte de sua vida. Aos 16 anos se casou com Jacinto Amaral – escolha da família como forma de aquietar a menina – e com ele teve 3 filhos. Chiquinha, já aos 23 anos, decide se separar de Jacinto pois este lhe queria limitar à música, pela qual tinha ciúmes, e a obrigara a muitas coisas, inclusive acompanhá-lo à Guerra do Paraguai, no momento em que se torna comandante da Marinha Mercante, onde ela pôde presenciar violência e maus tratos aos negros “alforriados”⁶ (DINIZ, 2009).

Chiquinha desafiou a moral de sua época ao decidir se divorciar de Jacinto⁷, e com isso foi expulsa da família como forma do “poder patriarcal sancionar a rebeldia feminina” e foi considerada “um perigoso modelo de moralidade” (DINIZ, 1999, p. 63). Mas ainda aos 23 anos conhece João Batista de Carvalho, com uma “a paixão [...] que faz com que deixe para trás marido, filhos, posição social e reputação” (DINIZ, 2009, p. 69) passa a viver com ele, mas não se casam. Após alguns anos tiveram uma filha, porém, por motivos pessoais, decidem desfazer a união e Chiquinha renuncia novamente a maternidade, deixando Alice com o pai.

Com a expulsão familiar, divorciada e sozinha, teria que buscar formas de se manter, assim começou a dar aulas de piano, vender partituras, dar aulas particulares, fazendo parte de “um momento inicial da incorporação da mulher no mercado de trabalho” (ANELHE, 2007, p. 46).

Seu amparo e apoio foi encontrado no ambiente musical boêmio (DINIZ, 1999, p. 67), onde pôde fortalecer sua amizade com o flautista Joaquim Antônio da Silva Calado Júnior⁸, o Calado, “criador do ‘choro’ e nacionalizador da música popular”. Ao longo do tempo, ao tocar suas músicas nas rodas boêmias, começou a tocar com Calado no grupo

⁶ O Conselho de Estado passa a encarar com simpatia a questão da alforria de escravizados para o serviço de guerra. [...] Em troca, são reconhecidos pelo governo imperial como grandes patriotas. (DINIZ, 2009, p. 62) A verdade é que ainda eram tratados como escravizados nos navios e sofriam crueldades.

⁷ Tornou-se uma mulher divorciada um século antes de o divórcio passar a ser um direito civil no Brasil (<https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-chiquinha-gonzaga/>)

⁸ Considerado o “Pai dos Chorões” (<https://dicionariompb.com.br/joaquim-calado/dados-artisticos>)

“Choro do Calado”, isso a fez ser reconhecida como a “primeira pianista⁹ e primeira chorona” (DINIZ, 1999, p. 95).

No meio boêmio também pôde firmar seus ideais abolicionista e republicano, onde circulavam os principais defensores da causa. Chiquinha, como forma de ajudar na causa abolicionista, “divulgava e vendia seus trabalhos de porta em porta” em busca de arrecadar fundos e conseguir comprar alforria de escravizados (ANELHE, 2007, p. 13). Lutava por aquilo que defendia como certo, mostrando sua força e não deixando que a condição mulher a impedisse de sua liberdade, o que gerava repúdio em sua época “pois é a obediência irrestrita às normas consagradas que vai distanciar a dama (mulher de família) da cocote mundana” (DINIZ, 1999, p. 77).

O decorrer de sua vida foi marcado por diversas mudanças de uma época, podendo presenciar a transição de Monarquia à República no Brasil, a abolição da escravidão, modernização do Rio de Janeiro, a criação do choro como um ritmo totalmente brasileiro, o que foi considerado histórico (DINIZ, 1999, p. 94), bem como as mudanças do posicionamento da mulher na sociedade. Contribuiu em algumas dessas mudanças, principalmente a última, podendo até mesmo dizer que foi uma das precursoras principais pela luta do papel e deveres da mulher na sociedade.

Dalva Lazoni (1999, p. 11), nos traz um trecho da obra de Geysa Bôscoli¹⁰ que destaca que “na juventude, Chiquinha ultrapassou a realidade do seu tempo, sacudiu o século passado, antecipando-se ao atual” e ainda complementa dizendo “pagou caro o preço da liberdade, mas não se intimidou com a hipocrisia dos críticos do seu tempo”.

A música foi o elemento mais constante em sua vida, ela realmente se dedicou e viveu pela música, como também sofreu por ela. Sua relação com a música ia além de escape da realidade, era elemento de afirmação, imposição de sua vontade e expressão. Com o tempo começou a fazer mais sucesso e suas músicas caíram no gosto popular de forma sem igual, mas seu comportamento como mulher foi “severamente condenado. O fato de ser encontrada nos lugares que houvessem música, independente do ambiente ou da valoração moral que merecesse, fazia com que fosse considerada mal-afamada” (DINIZ, 1999, p. 102).

⁹ De acordo com o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, o termo pioneiro(a) se refere ao pianista popular, e que muitas vezes foi usado de forma pejorativa pelo meio erudito. (<https://dicionariompb.com.br/pianeiro>)

¹⁰ Sobrinho-neto de Chiquinha Gonzaga, autor de “A pioneira Chiquinha Gonzaga” (1971), foi um dos primeiros biógrafos junto com Mariza Lira autora de “Chiquinha Gonzaga, grande compositora popular brasileira” (1939) (DINIZ, 2009)

Chiquinha representava uma ameaça à sociedade conservadora, aos ideais estabelecidos e ao patriarcado daquele período. O fato de ser divorciada, ter renunciado à maternidade e não ter apoio da família, fez com que passasse por diversas dificuldades, sociais e financeiras. Não tinha como pagar suas idas aos teatros portanto assistia das torrinhas¹¹ e era a única presença feminina dessa área específica, sendo mais um exemplo de como enfrentava a demarcação de espaço masculino-feminino. Confeccionar suas próprias roupas, utilizando vestimentas não tão comuns às mulheres da época, trocou o elegante e respeitoso chapéu por um lenço na cabeça (DINIZ, 2009, 117-118).

Essas escolhas e atos de Chiquinha não foram por rebeldia, mas comentários invejosos e maliciosos vinham através do que se tornou comum na época em que iniciou a carreira profissional: o inconformismo popular. Este era expresso através de veículos como “a caricatura, a música popular, as quadrinhas e os ‘a-pedidos’ dos jornais” (DINIZ, 2009, p. 78), um mal de que ela também padeceu.

Mesmo que implícito em suas músicas nos faz compreender seu tempo e suas lutas: “‘Ó abre alas, que eu quero passar’. Quando Chiquinha Gonzaga escreveu essa marchinha de carnaval, só queria fazer sua Rosa de Ouro¹² ganhar, mas ela definia bem o desejo de liberdade profissional das mulheres artistas no início do século XX” (QUEIROZ, 2016, p.35). Essa música além de marco de sua carreira, é também marco cultural pois é considerada a primeira marchinha carnavalesca com letra, na época conhecida como marcha-rancho, se antecipando ao seu tempo e atribuindo ao carnaval uma música própria (DINIZ, 1999, p. 160).

Aos 52 anos conhece Joãozinho, com 16, com quem esteve junto até o final da vida. Sabendo dos julgamentos que sofreria na época, foi cautelosa tentando manter resguardada sua vida pessoal e amorosa e o apresenta como filho. Inclusive “a ele devemos o zelo por sua memória” (DINIZ, 2009, p. 192) por guardar esse acervo pessoal ao qual temos acesso hoje. Com ele, inicia sua luta pela busca dos Direitos Autorais, tema no qual foi pioneira e auxiliou na fundação da Sociedade Brasileira de Autores

¹¹ Diniz (2009, p. 89) aponta que nas torrinhas eram frequentadas por estudantes, caixeiros, pequenos funcionários e o pessoal do aplauso, além de ser lugar de balbúrdia e com ingressos mais baratos.

¹² Era um cordão carnavalesco do Rio de Janeiro. “Cordões e Blocos apareceram no final do século 19. Eram formados por grupos de foliões que andavam em fila, com seus participantes caminhando e dançando um atrás do outro e frequentados por pessoas comuns, foliões mascarados e fantasiados” (<https://www.riodejaneiroaquí.com/carnaval/carnaval-cordoes-blocos.html>)

Teatrais (SBAT). “Francisca Gonzaga era a única personalidade feminina, entre os outros 21 fundadores” (ROCHA, 2017).

Entre todas as suas contribuições, a mais notável é sua contribuição ao que chamamos de música popular brasileira, sua principal biógrafa, Edinha Diniz, entrevistada neste estudo, comenta:

[...] devemos lembrar também que na construção da música popular brasileira está a sensibilidade feminina, a sensibilidade de Chiquinha Gonzaga. Sérgio Cabral, pesquisador e jornalista, afirma que se a música popular brasileira tem vários pais, tem uma única mãe: Chiquinha Gonzaga [...].

Gandra (2020) afirma que sua obra, "estimada em cerca de duas mil canções e 77 partituras para peças teatrais, é maior que qualquer compositor de seu tempo". Ainda que em gesto simbólico, ela pôde ser reconhecida através da Lei Federal Nº. 12.624, em que foi instituído o dia 17 de outubro - sua data de nascimento - como o Dia Nacional da Música Popular Brasileira no calendário nacional.

Biografias de Chiquinha foram imprescindíveis para que a sociedade brasileira pudesse conhecer a obra e a vida da artista, apagada do cenário cultural nacional. Em seguida, serão expostos os caminhos utilizados para entrevistar três autores que abordaram sobre a vida de Chiquinha Gonzaga: Ayrton Mugnaini Júnior, Edinha Diniz e Regina Drummond.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para realização do trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa que auxilia na aproximação com o campo de observação, indo ao encontro de indivíduos sociais que possuem uma grande conexão com o tema e o problema a ser estudado (MINAYO, 2002). Segundo Godoy (1995, p. 21), na pesquisa qualitativa “o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes”.

Para nortear uma possível pesquisa de campo, a fundamentação metodológica teve como base a Teoria das Representações Sociais (TRS) que restaura, para o conhecimento, a importância das representações que se dão a partir do vivido, do entendimento sensível que se manifesta a partir de percepções. Palmonari e Cerrato (2014) trazem os conceitos de Moscovici, criador da TRS e apontam que

A demonstração teórica das representações sociais se baseia na necessidade existente em indivíduos e grupos sociais de se comunicarem, de que o conhecimento social circule e seja comunicado entre seus membros para manter

a homeostase ou equilíbrio. [...] Somente a circulação das opiniões e pressões do grupo produz a difusão e a comunalidade necessárias para que as representações tomem forma e adquiram uma estrutura. (MOSCOVICI, 2001 apud PALMONARI, CERRATO, 2014, p. 419)

Abordando essa importância de ter uma comunicação significativa, a pesquisa de campo portanto, irá utilizar instrumentos para coletas de narrativas, reunidas a partir de entrevistas com autores que escreveram biografias ou histórias sobre Chiquinha Gonzaga para diferentes públicos e utilizaram as memórias registradas desta para construção de suas obras.

As entrevistas constituem o principal procedimento metodológico do estudo e serão semiestruturadas para que assim a pesquisadora tenha “maior liberdade para desenvolver a pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.106) podendo ter maior amplitude em sua exploração para aproveitar todos os conhecimentos ali narrados, além de ser livre espera-se “que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante” (DUARTE, 2004, p. 216).

A coleta foi realizada através do programa Zoom em julho de dois mil e vinte e um. Os entrevistados concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que funciona como compromisso ético garantindo a integridade e dignidade dos participantes, porém, durante as entrevistas assentiram no uso de seus nomes na pesquisa. Foram entrevistados Edinha Diniz, biógrafa oficial e autora de ‘Chiquinha Gonzaga: uma história de vida’, 1999 e a versão atualizada 2009; Ayrton Mugnaini Júnior, autor do livro ‘A jovem Chiquinha Gonzaga’, 2005 e Regina Drummond, autora de ‘A menina Chiquinha Gonzaga’, 2013.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para reunião e tratamento das informações. Pelo fato de serem entrevistas semiestruturadas, dispôs de um roteiro para auxiliar na condução das mesmas, com as seguintes questões: a) Por que escrever sobre Chiquinha Gonzaga?; b) Alguns autores mencionam sobre uma suposta invisibilidade de Chiquinha Gonzaga na história e cultura brasileira. Você concorda? Se sim, fale sobre sua percepção sobre esta questão.; c) Onde você localizou as informações que julga mais importantes e talvez até desconhecidas sobre a história de Chiquinha?; d) Na sua percepção, quais as maiores contribuições de Chiquinha para a mulher brasileira?; e) Qual sua percepção sobre as instituições responsáveis por preservar a cultura no país? e f) Fale mais alguma coisa se desejar.

Na lida com os discursos, no que se refere à coleta, tratamento e análise dos mesmos, a ferramenta selecionada para aplicação foi o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC assim como afirma Figueiredo, Chiari e Goulart (2013, p. 130) “tem como fundamento os pressupostos da Teoria das Representações Sociais e permite, através de procedimentos sistemáticos e padronizados, agregar depoimentos sem reduzi-los a quantidades”. O apoio de se utilizar o DSC é apontado por Almeida, no qual diz que a ferramenta

facilita a tabulação dos dados, a sistematização e a análise das respostas em pesquisas sociais, porque consiste em uma estratégia diferente de tratamento dos discursos e porque não separa as falas individuais da coletiva, mas une-as em um discurso coletivo. [...] A técnica adapta-se a pesquisas sociais por propiciar o levantamento das representações (pensamentos) dos sujeitos que devem ser consideradas como um discurso da realidade”. (ALMEIDA, 2005, p. 70)

A metodologia do DSC permite agrupar em categorias semânticas gerais as representações sociais de sentidos semelhantes e assim representando uma coletividade. “Os DSCs são opiniões individuais que, ao passarem pelo crivo analítico do pesquisador - o que exige o uso das operações de abstração e conceituação- são transformadas em produtos cientificamente tratados” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014, p. 504), assim, as falas da análise em *itálico*, expressam o pensamento compartilhado social e coletivamente.

Usualmente, a aplicação da técnica do DSC culmina do DSC final que expressa a fala do sujeito coletivo. No trabalho em questão, como os entrevistados foram identificados, a técnica foi utilizada para possibilitar o tratamento dos discursos, não havendo necessidade do DSC final como acontece no uso da ferramenta. Portanto, os entrevistados são identificados em suas falas.

Para demais embasamentos e conceitos utilizados na pesquisa, foram efetuadas buscas em bases de dados como Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica (Oasis - IBICT), Google Acadêmico e Google Livros.

4 ANÁLISE DOS DISCURSOS

Após os recortes necessários no qual foram selecionadas as expressões-chave e identificadas as ideias centrais foram estruturadas as questões para a análise que está

exposta a seguir. A fala dos entrevistados é representada na grafia em itálico e o uso de colchetes com reticências expressam conteúdos que foram suprimidos por não terem relevância para o contexto abordado.

4.1 Motivações que visibilizaram Chiquinha Gonzaga

Não somos seres isolados. Apesar de termos nossas individualidades, desenvolvemo-nos em contextos multiculturais e todos nos tornamos agentes na sociedade. É fato que algumas pessoas se destacam ou ganham notoriedade por seus feitos, por contribuírem de maneira mais significativa para a sociedade em geral.

Quando escrevemos e buscamos aprofundar sobre a vida dessas pessoas é porque além de seus feitos, suas histórias geram identificação e aprendizados, pois suas vidas não se resumem apenas ao resultado final e sim todo o processo. Inclusive nas biografias ou quando registramos a vida de alguém, temos a

representação de vidas de indivíduos, as quais, em sua singularidade, serão tanto efeito quanto causa das transformações ocorridas em sua época histórica. Encontrá-las resistentes ao rígido enquadramento teórico que define as características de um dado período histórico, longe de ser um mal, é um bem, metodologicamente falando - é a prova definitiva do dinamismo, da riqueza e da complexidade das vidas, de sua capacidade de "fazer a história" (CARINO, 1999, p. 157-158).

Ao escrever sobre Francisca Edwiges Neves Gonzaga os autores esboçam várias motivações, por terem [...] *coisas interessantes para falar [...]* ou por admiração pela [...] *vida dela, toda a história dela [...]*. Edinha Diniz destaca que escrever sobre Chiquinha inicialmente: [...] *foi uma encomenda para roteiro de um documentário [...]* o filme nunca saiu. [...] *em determinado momento fiquei muito envolvida com o trabalho e achei que devia ampliar.*

Mesmo que se inicie de um pedido ou que já conheçam um pouco de sua obra, ao longo das pesquisas passam a admirar mais a compositora pois as novas descobertas mostram novas informações não apenas sobre ela, mas da presença da mulher no campo das artes, profissionalização musical e sua participação/contribuição na cultura atual. Pelo olhar de Ayrton, ela fez [...] *coisa avançada para sua época [...]*, possuindo muitos aspectos inovadores. Foi [...] *uma das pessoas mais importantes da música brasileira, não só como compositora, maestrina, instrumentista, como também feminista. Ela fez o que muitas mulheres até hoje não puderam fazer, ainda mais naquele tempo.*

[...] Batalhar em um tempo que a indústria cultural brasileira, a música cultural brasileira estava começando, [...] a pessoa tinha que se virar como podia.

Descobrir tudo que essa mulher fez e contribuiu não é um trabalho fácil, nem se dá por simples buscas. Inclusive, foi através de documentos não acessados antes que se descobriria mais ainda sua história. Na investigação para resgate de fragmentos ocultos

possibilita-se, assim, que venham à tona sentimentos, informações e narrações, transpondo aqueles divulgados na mídia e nos documentos oficiais, fazendo emergir outras perspectivas e novas percepções, ao tempo que se realiza uma análise mais aprofundada (AMADO; FERREIRA, 2006 *apud* FIALHO; SANTOS; SALES, 2019, p. 13).

Dentre estes fragmentos ocultos, há o relato de Edinha, pioneira no empenho de revelar Chiquinha Gonzaga: *[...] Quando tive acesso ao assentamento de batismo, que eu vi que a origem de Chiquinha era de filha bastarda, de mãe solteira, nascendo em perigo de vida e etc., eu achei que precisava rever essa história e elaborar, escrever, mas como um relatório de pesquisa para os meus pares, para os pesquisadores de música popular.*

A questão de *[...] rever essa história [...] só nos mostra que até mesmo algumas das características intrínsecas de Chiquinha estavam desbotadas nos registros até então feitos. Ficou evidente que [...] Existe um apagamento muito grande das figuras femininas, e mais apagamento ainda se ela for negra [...]*, por este motivo, é cada vez mais importante o trabalho de biógrafos, autores, pesquisadores ou historiadores, pois ao revelarem os fragmentos mostram a importância do “que ficou nas entrelinhas, para dar visão pública aos sujeitos esquecidos ou silenciados e então, hermeneuticamente reconstituir o contexto socioeducacional desde a história de vida das pessoas” (FIALHO; SANTOS; SALES, 2019, p. 13).

4.2 A maldição de José Basileu e a invisibilidade de Francisca

Alguns estudos são relevantes também por tirar esse obstáculo do silêncio e da invisibilidade de mulheres nas diversas áreas do conhecimento. Isso ocorre em maioria por mulheres, obviamente, pois buscamos modelos em nossas vidas e criamos nossa identidade a partir da memória. Com as novas pesquisas vêm a sensibilidade de olhar a fundo e assim “resgatar as vozes das mulheres perdidas no passado e reconstruir as

suas trajetórias através dos vestígios que elas deixaram” (PEREIRA; CARMO, 2015, p. 23423).

Com Chiquinha o caso se repete e buscando entender o que pode ter ocasionado o motivo de seu apagamento, Regina atribui ao fato de ela ser [...] *uma revolucionária, uma pessoa que realmente quebrou padrões [...] e que suas músicas continham uma [...] crítica poderosa da sociedade [...]*, que leva a crer que seu exemplo tinha [...] *que ser apagado [...]*.

Na época em que a compositora vivia, “qualquer elemento que ocasionasse uma certa liberdade no comportamento feminino era radicalmente criticado pela sociedade, sendo a música e a dança incluídas nesse grupo” (ANELHE, 2007, p. 38). Chiquinha sempre buscou sua liberdade, não aceitava que seus espaços fossem limitados à casa e igreja. Diniz (2009, p. 12) expõe que “o espaço social desse período era fortemente demarcado: a casa para a mulher, o salão para a dama e a rua para o escrav[izad]o e a mulher da vida”, e como sua felicidade estava na música, Chiquinha ia onde a música estivesse.

Regina relata: [...] *acho que essa alegria da Chiquinha também prejudicou, porque a mulher tinha que ser muito recatada, e ela era muito expansiva [...]. Mas traz consigo uma [...] contribuição maravilhosa que é viver a sua verdade. Não importa o que que o mundo está pensando, eu tenho que ser verdadeira aqui dentro de mim [...]*.

Ela decide se separar devido as repressões sofridas pelo marido que sempre queria a confinar ao papel de mulher e mãe estabelecidos pela sociedade, entretanto, sua postura violava padrões estabelecidos socialmente para a mulher do seu tempo. Edinha Diniz destaca: [...] *Desde o primeiro momento eu chamei a atenção para o esquecimento, como punição a uma figura transgressora. [...] e eu brincava com uma possível maldição de José Basileu¹³ para que ela fosse esquecida [...]*.

Diniz (2009, p. 7) evidencia que “tal maldição funcionava como uma espécie de pacto de silêncio, proposto e aceito entre a família, os agentes da memória e até a Igreja”, isso tudo por ela recorrer ao divórcio, mostrando com isso seu primeiro ato de insubmissão aos rígidos costumes da época.

Podemos ver que mesmo anos após sua morte ainda queriam ocultar aspectos de sua vida, Edinha Diniz na entrevista aponta que isso [...] *era muito claro [...]* e que encontrou [...] *duas biografias sobre ela que eram moralizantes [...]*. Biografias que

¹³ O pai de Chiquinha Gonzaga declarou a filha como morta, inclusive, cuidava da neta Maria, a fazendo acreditar que ele e Rosa Maria (sua mulher), eram seus pais. (DINIZ, 2009, p. 7 e p. 124)

retransmitiram, ou criaram, versões moralizadoras, que encobriam mais que revelavam. Esta é uma história de muitos silêncios e segredos; tanto pelos interditos causados por escândalos quanto por traumas familiares e pela reserva que (naquele tempo) se costumava guardar de assuntos privados. O que tentaram silenciar é o que a torna contemporânea: a sexualidade e a recusa à maternidade (DINIZ, 2009, p. 7).

[...] Essas questões ligadas à vida pessoal dela continuam em discussão, [...] bem como, [...] a origem afrodescendente agora documentada é importante [...].

Esse caso representa não só como é importante termos essas informações registradas para comprovação dos fatos, como fica evidente que situações e posturas impostas a Chiquinha, ainda se colocam para a mulher no século XXI. Ela, porém, afronta esses discursos de retrocesso já naquela época. Edinha e Regina afirmam que ela *[...] vai à luta, é uma mulher só, sem marido e sem pai em uma sociedade extremamente patriarcal. Ela não tinha mais nada a perder, o escândalo já era uma coisa familiar à vida pessoal dela, então se profissionaliza. [...] É uma ousadia muito grande da Chiquinha, ter desejado isso naquela época, viver de música, viver do seu talento [...].*

Começa assim seu pioneirismo, ultrapassando preconceitos da época e conquistando espaço para mulher no meio musical público que também era machista. Ela teve de enfrentar muitas coisas e Edinha vê o resultado dessa sua luta e o quanto contribuiu à mulher moderna: *[...] Eu vejo a Chiquinha como uma figura libertária, é uma mulher que trouxe uma contribuição muito grande às liberdades para a mulher no Brasil, uma liberdade por dignidade [...].*

Dentre outras contribuições, Ayrton e Edinha enxergam *[...] uma contribuição profissional como musicista, ao fazer avançar a música popular. [...] É uma carreira de grande sucesso apesar de todos os obstáculos, ela é um exemplo de coragem, de determinação, com talento. [...] A contribuição da Chiquinha foi de que uma pessoa pode vencer com o próprio esforço, seja sendo mulher, seja de classe baixa [...].*

Conhecendo mais a musicista vemos o quanto dela foi esquecido para caber em uma narrativa que julgassem “correta”. Ressaltar a trajetória de Chiquinha, é transmitir seu papel em nossa cultura, que além da música, tomou frente em atuações femininas que tiveram abertura em momentos posteriores em nosso país. De certa forma foi agente ativa nas modificações que vieram posteriormente. Ayrton destaca: *[...] Ela sempre esteve presente de uma forma ou de outra, [...] é uma pessoa que é sempre bom que seja lembrada, e quanto mais lembrada melhor.*

Novas pesquisas, portanto, só mostram a importância do resgate e de quanto ainda podemos descobrir por não ficarmos estagnados em uma única visão dos fatos.

Atualizando as informações sobre a vida da musicista, Edinha Diniz salienta: [...] *chego com essa redescoberta da Chiquinha que eu apresentava como um retrato de corpo inteiro e não mais uma foto 3x4, eu estava trazendo uma figura maior e com dados mais ampliados sobre a vida dela [...].*

Ao estudar o passado pode-se melhorar a compreensão do presente, investigar os preconceitos e as discriminações que as mulheres de luta tiveram de enfrentar. A invisibilidade imposta a elas só nos mostra o quanto podemos aprender com suas contribuições e o quanto pode nos informar sobre as lutas contemporâneas. Ayrton e Edinha evidenciam que ela se tornou representativa em lutas atuais, [...] *o trabalho com Chiquinha Gonzaga continua, eu acho que não se esgota porque ela é emblema de lutas atuais, contemporâneas. [...] O mundo, não só o Brasil, está sempre criando zonas e grupos de minorias, sempre dividindo tudo em facções que acabam se vingando entre si. [...] Estamos num momento muito importante de conquistas sociais, de lutas antirracistas [...] e a contribuição da Chiquinha, [...] contribuição pessoal na luta pelas liberdades no Brasil, [...] faz com que ela continue sendo lembrada, e agora como emblema na luta antirracista e na quarta onda feminista [...].*

Miñoso (2020) aborda que ainda há dificuldades no encontro entre feminismo e movimentos antirracistas, além de ser necessário o

trabalho de aplicar o método a diferentes elementos e aspectos concretos da prática feminista contemporânea, de maneira a desvelar paulatinamente, e sem deixar sobrar dúvidas, a maneira como a razão feminista eurocêntrica determina e molda a política feminista na América Latina e em nível global. (MIÑOSO, 2020, p. 131)

Lélia Gonzalez (2020) dialoga também sobre as questões do racismo estrutural e de como é presente o mito de democracia racial no Brasil, afetando, direta ou indiretamente no feminismo decolonial. Este sendo muito importante para mostrar que nem todas as mulheres estão subordinadas da mesma forma pois ainda temos opressões raciais, sexuais e de classe que necessitam ser difundidos nas questões feministas, e em nossa região latino-americana devemos legitimar e dar força ao “caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região”.

Chiquinha como emblema por estas lutas é muito significativa, bem como virou Marielle Franco aqui no Brasil¹⁴. Alves (2020) traz a reflexão de que por longo tempo

¹⁴ Marielle Franco foi uma socióloga e política brasileira duramente assassinada em 2018. “O legado da vereadora é constantemente lembrado e permanece vivo em movimentos sociais em prol das pessoas em vulnerabilidade” (<https://www.politize.com.br/quem-foi-marielle-franco/>).

identificavam Chiquinha como uma mulher branca pelas representações de sua história por atrizes brancas na TV e no teatro, além do embranquecimento de suas fotos, sendo que ela era neta de negra escravizada, e como dito anteriormente sua mãe foi alforriada na pia batismal. Portanto, assim nos mostra as faces do racismo estrutural presente no Brasil, e de quão grande é a importância termos mulheres negras como símbolos nessas lutas, ainda mais reconhecer mulheres brasileiras que muito se conectam aos nossos contextos, tanto para questões de igualdade como autoridade sobre pautas das quais possuem maior domínio e experiência.

Inclusive, Chiquinha nos desafia, pois o mundo faz pensar que as mulheres não são boas o suficiente em muitas situações, já ela nos mostra que devemos nos arriscar e lutar por nossos objetivos.

[...] A própria luta dela [...] que é viver de música, viver do seu talento, viver daquilo que gosta, [...] é um exemplo positivo, isso é pra todo mundo [...] a gente tem sempre que perseverar.

4.3 Instituições que preservam a memória

Considera-se a recuperação de informações parte crucial para qualquer pesquisa, as unidades informacionais são essenciais e pertencem “ao conjunto das estruturas sociais estabelecidas pela cultura, dedicadas à preservação e à divulgação das manifestações, advindas de indivíduos, de grupos, de um povo ou nação” (MACEDO; ORTEGA, 2019, p. 336). Permitem assim, acesso aos materiais que podem revelar histórias “escondidas” que irão compor contextos.

No contexto brasileiro, tais instituições sofrem com a ausência de recursos financeiros e políticas públicas capazes de garantir a preservação da cultura em nosso país. Em 2019 o Ministério da Cultura foi extinto, atualmente está submetido à Secretaria Especial da Cultura¹⁵. Episódios recentes comprovam como as unidades de informação vem sofrendo com a falta de investimento, como foi o caso do Museu Nacional¹⁶, em 2018, e, mais recentemente, do incêndio na Cinemateca. Ayrton e Regina enxergam que as instituições *[...] se esforçam mesmo com dificuldades quando falta verba [...], falta*

¹⁵ Ministério da Cultura é extinto e substituído pela Secretaria Especial da Cultura (<https://www.politize.com.br/secretaria-da-cultura/>)

¹⁶ Incêndio no Museu Nacional (<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciencia-o-que-o-brasil-perdeu-com-o-incendio-do-museu-nacional.htm>)

compreensão. A gente tem que ser igual a Chiquinha, ter coragem, botar a cara pra bater, ter que ir lá, ter que buscar, tem que inventar e arrumar patrocinador. Mas que o governo podia fazer muito mais, bem que podia [...].

Regina acrescenta que em nosso país [...] é muito triste você ver [...] a falta de interesse, [...] a falta de acesso à cultura [...] de se ter o que passou!

Fica evidente a necessidade de fortalecer políticas públicas no país, que auxiliem não apenas o setor cultural, mas também os bens culturais e os direitos culturais da população. Chedid (2017) afirma que o Estado tem o papel de “estabelecer mecanismos de preservação e incentivo cultural, o que significa dispor de recursos e instrumentos criados com a participação da sociedade como um todo”, no fim sendo muito importante para democratização e diversidade cultural.

A falta de investimento e acesso favorece a invisibilidade de elementos e indivíduos além de prejudicar a validação da história e valorização da cultura nacional. Edinha argumenta que esse desinteresse acontece também com a nossa música popular: *[...] Se a memória do país já sofre descaso, imagine com relação à produção popular e à música popular. [...] A música popular brasileira não mereceu um centro de documentação que dê conta de sua riquíssima história, como o jazz tem nos Estados Unidos, instituições que preservam, cuidam e difundem. Porque não é só preservar, mas também difundir.*

Um dos possíveis impasses dessa difusão pode se dar pelo fato de valorizarmos muito o que vêm de fora. Porém, ainda mais na época de Chiquinha entre Império e República, ainda havia muito repúdio às músicas de influências africanas, que muito circulavam pelos escravizados. A verdade é que graças aos africanos temos grande contribuição na diversidade da cultura brasileira, como nos “aspectos: dança, música, religião, culinária e idioma” (SOUZA; GUASTI, 2018, p. 4). Edinha destaca essa influência, bem como a participação de Chiquinha na junção dos ritmos *[...] sobretudo na música, não tem como negar a contribuição afro, ela faz toda a diferença na música popular brasileira que tanto encanta o mundo, é o elemento do ritmo que faz toda a diferença. Porque na melodia os europeus dominam, na harmonia o jazz domina, mas no ritmo a música popular brasileira é senhora. Essa contribuição que Chiquinha dá, colocando a ritmicidade africana nas partituras europeias, nas danças de salão, sobretudo na polca. [...]*

Chiquinha em muito contribuiu, sua história está “inevitavelmente, vinculada à história do país. Elas se cruzam em um dos momentos mais expressivos da

nacionalidade: aquele em que se forja uma cultura brasileira, e que representa também vitoriosa participação popular na vida política do país” (DINIZ, 2009, p. 13). Portanto, para retirar sua invisibilidade era preciso ir atrás de centros informacionais e outros ambientes que continham sua memória. Sua biógrafa aponta que [...] *hoje nós reconhecemos a Chiquinha Gonzaga, essas informações estavam esquecidas, estavam inéditas [...].*

Essas informações em sua maioria se encontravam no acervo da SBAT e sua relevância fica bem destacada no discurso de Regina: [...] *O SBAT que ela fundou, que até hoje a importância disso é muito grande. Você tem um registro daquilo que é o seu patrimônio [...].*

No relato da principal biógrafa de Chiquinha, aparece a questão do cuidado com o acervo por conta de um envolvimento pessoal com o mesmo, por parte de um funcionário da SBAT. A pesquisa na SBAT foi muito significativa e trabalhosa e ela conta sobre o processo: [...] *o superintendente me confia esse material, desde que no final eu elaborasse um inventário para que ele soubesse o que continha, [...] dentro da SBAT, ele a todo momento vinha ver o material, [...] me ajudava a identificar pessoas nas fotos, identificar personagens, mas na verdade ele tinha um envolvimento com esse arquivo e por isso ele conservou em pacotes, com barbantes já meio apodrecidos, barbante frágil, eram pacotes e pacotes fechados. Como ele foi muito amigo do companheiro de Chiquinha, fizeram negócio juntos, eram meio sócios, ele segurou esse material lá, que deveria ter ido para o Museu do Teatro Municipal, mas ele manteve lá na esperança de ter controle sobre os documentos. [...] Eram pacotes e pacotes, manuscritos, partituras impressas, recortes de jornais, correspondências, enfim, uma documentação enorme [...].*

Esses documentos foram imprescindíveis para revelar as informações inéditas, entendemos também que mesmo por razões pessoais, foi de grande valor o superintendente guardar esse material. Isso ocorre porque os documentos eram pertencentes à compositora, ou seja, fazia parte de seu arquivo pessoal. Estes para uma unidade de informação são importantes pois “são produtos socioculturais que constituem referenciais para a memória coletiva e para a pesquisa histórica” (OLIVEIRA; PENNA; SOBRAL, 2017, p. 2).

Porém, para guardar esses arquivos é necessário cuidado, e pela fala da autora podemos notar que durante o processo não teve um profissional adequado e preparado para a gestão documental. Nas unidades de informação os documentos passam por

tratamentos para que se prolongue sua vida útil e garanta acesso por mais tempo. Como apontado por Edinha, eram materiais diversos, dentro de pacotes até mesmo com [...] *barbantes já meio apodrecidos [...]*, que nos leva a pensar no que poderia ser perdido por não estar recebendo o cuidado necessário para sua preservação.

Por “sorte”, agora o acervo pertence ao Instituto Moreira Salles que “funciona como ponto de recepção e manutenção de arquivos históricos provados, bibliotecas, além de acervos fotográficos, iconográficos e documentais” e que “tem como objetivo a promoção da cultura nacional” (QUEIROZ, 1998, p. 125), possibilitará, de maneira adequada, a conservação, organização e difusão de um acervo tão rico.

Depois do acesso a esse acervo, vieram livros, principalmente o da Edinha Diniz que serviu de base para outras fontes. Outras biografias como a de Mariza Lira e Geysa Bôscoli, como comentado por Edinha anteriormente, eram moralizantes quanto à vida da compositora. Diniz é considerada a única biógrafa oficial, ainda viva, e seu livro na percepção de Regina, é apresentado de forma verdadeira, destacando que é um livro [...] *excepcional, porque ele mostra a mulher de fato, a compositora, a artista, a pioneira. [...] É muito claro, não esconde nada que ela fez na vida dela. Que ela tem uma vida controversa, e eu achei legal falar nisso. [...] Então esse livro mostra uma Chiquinha verdadeira, não aquela coisa de fachada [...]*.

Edinha declara que no livro apresenta a [...] *origem bastarda de Chiquinha, de mãe solteira, e não descendente como Geysa Bôscoli invoca: dos nobres do império que eram parentes da família Gonzaga [...]*.

Apresentar essas informações não é tarefa fácil, é preciso aprofundar e buscar informação nos mais diversos suportes informacionais que conhecemos para comprovar aquilo que irá ser descrito. Dando destaque a esses registros, pode-se materializar a vida do indivíduo em questão e gerando um mundo de significados, por isso a comprovação dos documentos é necessária para que elimine os impasses futuros de contestação que podem ocorrer.

É notável que com as mudanças advindas das novas tecnologias encontramos informações em diferentes lugares, principalmente na internet. Contudo, é curioso notar quais suportes foram percorridos para encontrar elementos da história de Chiquinha ou de seus familiares e conhecidos. Em algumas pesquisas Ayrton menciona que muitas informações foram [...] *de livros e de jornais que saíram na época [...] reuni o que achei de outras obras [...] sobre as obras dela, sobre as relações dela com outros artistas [...]*.

Para descobertas mais profundas, Edinha relata uso de catálogo telefônico e a importância de documentação eclesiástica, inclusive para revelação de identidades, como um amante da musicista. [...] *Foi muito penoso, foi difícil, mas eu consegui, porque na missa de mês da Chiquinha existia um livro na Igreja de Santa Cruz dos Militares onde as pessoas registravam presença e colocavam endereço. Então Alice com os filhos, estive na missa e registrou o endereço. A partir daí, eu fui para catálogos telefônicos que na época eram impressos e comecei a procurar, procurar, procurar, até que cheguei na casa da nora de Alice e, portanto, esse ramo do João Batista de Carvalho, consegui foto dele e revelar a identidade [...] que até então só se dizia assim “um engenheiro”.*

A documentação eclesiástica é muito importante, pois além de possuir “caráter privado, têm documentação classificada como de interesse público e social, e, desta forma, são patrimônio cultural da nação” (SILVA; BORGES, 2009, p. 39). Além disso, possui grande valor social auxiliando em muitas questões de interesse público. Edinha explana sobre esses documentos e o que pôde revelar: [...] *consegui o assentamento de batismo que era um documento importantíssimo [...] eu vi que a origem de Chiquinha era de filha bastarda. [...] Consegui datar o casamento, o batismo dos irmãos, revelar a origem da mãe da Chiquinha Gonzaga, documentar o casamento dos pais, [...] um casamento oculto, e etc. [...].*

Alguns destes documentos relata que não conseguiu encontrar nas igrejas próximas de onde a família morava, ainda mais o documento de casamento dos pais por ter sido um casamento oculto, este inclusive, relata que [...] *só fui achar em 2009 no arquivo na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro [...] sendo um [...] dos documentos mais importantes que encontrei.*

Ela evidencia uma síntese de todas as novas informações reveladas na nova edição, mostrando que sempre temos novas coisas a descobrir com registros informacionais preservados em instituições. Pôde apresentar portanto, [...] *os autos do processo da ação judicial de divórcio perpétuo, ela foi sentenciada como uma mulher divorciada pelo Tribunal Eclesiástico e isso em 1875 significou muito; documentei o casamento dos pais; a relação RosaxBasileu; e o enquadramento do amante, aí passo a chamar João Batista de Carvalho como amante, e Joãozinho como companheiro [...].*

Entende-se que vários destes elementos podem ter contribuído no pagamento de questões de sua vida, mas como diz Edinha [...] *não é só a vida pessoal dela que importa, é a dimensão como compositora.*

Assim, percebe-se que o espaço que a Chiquinha ocupou e ocupa hoje é resultado de coragem, trabalho, força, amor pela música, talento e muita competência. Ela acredita em sua música e sua verdade apesar da crueldade de algumas pessoas. Ela abriu alas, [...] *escreveu em todos os gêneros da época: choros, maxixes, e etc., inclusive as músicas de concerto. Hoje nós temos talvez umas duas dezenas de CDs dedicados a obra dela, tem muita coisa já na internet e estudos sobre a obra. Mas eu ainda espero muito mais, acho que a Chiquinha ainda não se esgotou.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se a importância dos centros do patrimônio cultural brasileiro, da memória cultural, que além de desvendar os mistérios do passado, nos permitem entender nossa cultura e contextos atuais, muito relevantes para o avanço da sociedade. Porém, também fica perceptível que apesar de estarmos em uma época com grandes avanços tecnológicos, ainda lidamos com a falta de estrutura nestes ambientes e a falta de pessoal qualificado. Torna-se cada vez mais necessária a seriedade e profissionalismo na lida com políticas públicas de cultura no Brasil, fundamental para que se estabeleça uma dinâmica que possa garantir o acesso a histórias como a de Chiquinha Gonzaga, vidas ocultas de mulheres e outros grupos invisibilizados, abrindo espaço em um imaginário social, contribuindo em literaturas e pesquisas científicas e potencializando força ética e cultural.

O bibliotecário e outros profissionais que atuam em unidades de informação são essenciais neste sentido, são responsáveis por cuidar e dinamizar estes acervos para contribuir com essa mediação, com o “encontro” deste acervo com as pessoas, preservando a memória que auxilia na geração de novos conhecimentos e avanço da sociedade. Pelas entrevistas pode-se perceber o que pode acarretar com a falta desse profissional, os materiais misturados em pacotes, com barbantes apodrecidos, muito poderiam ter se desgastado e perdido por não ter alguém responsável e qualificado na gestão documental.

Não podemos desconsiderar o valor de documentos como listas telefônicas, registros de igreja, que muitas vezes são considerados “periféricos” ou ultrapassados. Eles podem carregar informações valiosíssimas e especificamente na biografia de Chiquinha, foram imprescindíveis para revelar identidades, descendências e etc. Em muitos momentos os pesquisadores precisam lidar com a “sorte”, além de suas próprias

metodologias, no encontro de informações pertinentes e esses documentos podem contribuir.

Sobre as questões do apagamento da compositora o estudo levanta algumas reflexões. Chiquinha Gonzaga desafiava o que se esperava de uma mulher, que fosse “bela, recada e do lar¹⁷”, naquela época já buscava um espaço que ainda não conquistamos totalmente em tempos atuais além da liberdade sexual. Pesava sobre Chiquinha sua descendência negra em um país que apesar da diversidade ainda vive o mito da democracia racial, um lugar que clareia foto de presidentes negros para parecer “bem”¹⁸. Sua renúncia à maternidade para trabalhar manchava o ideal de mãe que abdica de seus projetos e é glorificada por isso. Realizou uma descolonização parcial de estilos musicais e a popularização destes, fazia música com ritmos de origem africana, andava com a boemia, um lugar que não era frequentado por mulheres “de família”, mas essencial para construção de uma compositora e mulher que olhava além de ideais pré-estabelecidos, enxergava o povo e buscava por mudanças sociais.

Percebe-se que ao conhecer nossa cultura e nosso passado, nos tornamos melhores agentes sociais, podendo contribuir em mudanças significativas e necessárias, mobilizando pessoas a mudar as negligências históricas. Inclusive nos faz reconhecer a luta de pessoas como Chiquinha, que mesmo muitas vezes excluídas, nunca desistiram, e sim abriram portas para que possamos ser aceitos em determinados espaços.

Chiquinha nos faz compreender que histórias individuais de mulheres comuns, que participaram de movimentos/momentos históricos devem ter reconhecimento de relevância representacional para promoção de mudanças urgentes em nossa sociedade como a condição das mulheres, dos negros, dos artistas, do entendimento de família, de nossa consciência no mundo. Essas histórias colaboram em ampliar nossa compreensão do contexto atual em que vivemos, e o porquê de nossos significados serem produzidos, apagados ou remodelados. Os registros revelam que o fato de Chiquinha não ter se submetido aos padrões da época, teve êxito no que fez e escreveu seu nome na história. É admirada e isso é um perigo para as mulheres. Vamos “abrir alas” para as Chiquinhas deste país.

¹⁷ Três atributos tradicionalmente associados ao elemento feminino, esteja este elemento onde estiver. (<https://projetocolabora.com.br/artigo/bela-recatada-do-lar/>)

¹⁸ As fotos de Nilo Peçanha foram retocadas para não transparecerem os traços marcadamente negros (<https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/na-imprensa/paineis-resgatam-negros-ilustres-branqueados-pela-historia/>)

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Cultura popular, um conceito e várias histórias. *In*: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003. Disponível em: https://mega.nz/file/Z4hHEaQb#8DMeEtQDZ34my-rfvsfmpv958he_FnF2kKrJw2bEgn8. Acesso em: 18 abr. 2021.

AGÊNCIA SENADO (BRASIL). Incêndio na Cinemateca é resultado de descaso do governo, apontam senadores. **Senado Notícias**. Brasília: Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/30/incendio-na-cinemateca-e-resultado-de-descaso-do-governo-apontam-senadores>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ALMEIDA, C. C. de. Discurso do Sujeito Coletivo: reconstruindo a fala do “social”. *In*: VALENTIM, M. L. P. (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. Disponível em: <https://abecin.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Metodos-qualitativos.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

ALVES, C. C. “Ô abre alas que eu quero passar”: rompendo o silêncio sobre a negritude de Chiquinha Gonzaga. **Revista de Antropologia e Arte**, Unicamp, v. 10, n. 1, p. 18 – 36, 2020. Disponível em: <https://chiquinhagonzaga.com/wp/wp-content/uploads/2020/09/2020-Carolina-goncalves-alves.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

ANELHE, D. A. **A mulher no século XIX a partir da figura de Chiquinha Gonzaga**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2007. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/monografia/16.pdf>. Acesso em: 01 maio 2021.

ANITA NETA, A. **A escrita como fator determinante para o desenvolvimento da humanidade**. Natal: UFRN, 2003. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/1/176/1/EscritaComoFator_AnitaNeta_2003. Acesso em: 26 abr. 2021.

BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 73-83, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011. Acesso em: 15 abr. 2021.

BRAGA, W. **Chiquinha Gonzaga**, 1999. Vida e obra de Chiquinha Gonzaga. Disponível em: <https://chiquinhagonzaga.com/wp/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.624, de 09 de maio de 2012. Institui o dia 17 de outubro como o Dia Nacional da Música Popular Brasileira. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 139, p. 1, 09 maio 2021. PL 1852/2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12624-9-maio-2012-612883-publicacaooriginal-135984-pl.html>. Acesso em: 01 maio 2021.

CAETANO, J. E. B.; MISSIO, F. J.; DEFFACCI, F. A. Fronteira, música e identidade cultural. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**,

[S. I.], v. 3, n. 3, 2017. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/519>. Acesso em: 28 abr. 2021.

CAMILO RUIZ, R. A. **As Cataratas do Iguaçu entre relatos e imagens** (Brasil e Argentina, 1890-1910). Foz do Iguaçu: UNILA 2017. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/2089/TCC_REJANE%20ANAH%20C.%20RUIZ%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26 abr. 2021.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <https://joaocamilopenna.files.wordpress.com/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CARINO, J. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 67, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/pfcpbdYWBnlMVktGRhKKNYM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

CHEDID, S. A cultura como Política Pública. **Politize!**, 2017. Disponível em: https://www.google.com/search?q=referencia+de+site&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR917BR917&oq=referencia+de+site&aqs=chrome.0.69i59j35i39j0i512i5j69i60.3017j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 07 ago. 2021.

CHIQUINHA Gonzaga. **Instituto Moreira Salles**, c2021. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-chiquinha-gonzaga/>. Acesso em: 05 set. 2021.

CORDÕES e Blocos de Carnaval. **Rio de Janeiro Aqui**, c2008. Disponível em: <https://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-cordoes-blocos.html>. Acesso em: 05 set. 2021.

CUNHA, C. Ciência - o que o Brasil perdeu com o incêndio do Museu Nacional?. **Uol**, 2019. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciencia-o-que-o-brasil-perdeu-com-o-incendio-do-museu-nacional.htm>. Acesso em: 05 set. 2021.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. [recurso eletrônico]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20avis_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

DINIZ, E. **Chiquinha Gonzaga**: uma história de vida. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DINIZ, E. **Chiquinha Gonzaga**: uma história de vida. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 339 p.

DRUMMOND, R. **A menina Chiquinha Gonzaga**. São Paulo: Ed. Rideel, 2013.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, dez. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602004000200011&lang=en. Acesso em: 18 abr. 2021.

Dayrell, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa** [online], v. 28, n. 1, p. 117-136, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100009>. Acesso em: 05 set. 2021.

ESTADO DE SÃO PAULO. Painéis resgatam negros ilustres, “branqueados” pela história. **Governo de São Paulo**, 2007. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/na-imprensa/paineis-resgatam-negros-ilustres-branqueados-pela-historia/>. Acesso em: 05 set. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SANTOS, F. M. B. dos; SALES, J. A. M. de. Pesquisas biográficas na história da educação. **Cadernos de Pesquisa**, Maranhão, v. 26, n. 3, p. 11-29, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12743>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FIGUEIREDO, M. Z. A.; CHIARI, B. M.; GOULART, B. N. G. de. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualitativa. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 129-136, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14931/11139#>. Acesso em: 18 abr. 2021.

FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002#:~:text=A%20identidad e%20nacional%20%C3%A9%20constru%C3%ADda,se%20uma%20cultura%20da%20 mistura>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GANDRA, A. A criadora da primeira marchinha de carnaval, Chiquinha Gonzaga. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-02/chiquinha-gonzaga#:~:text=A%20primeira%20m%C3%BAstica%20carnavalesca%20que,de%20J aneiro%2C%20onde%20ela%20morava>. Acesso em: 01 maio de 2021.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GONÇALVES FILHO, J. M. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988. 495p. p. 95-124. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/olhar-e-memoria/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

INDOLFO, A. C. Gestão de documentos: uma renovação epistemológica no universo da arquivologia. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 28-60, jul./dez.2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/56284#:~:text=O%20documento%20ou%2>

C%20ainda%2C%20a,e%20civiliza%C3%A7%C3%B5es%2C%20%C3%A9pocas%20e%20regimes. Acesso em: 26 abr. 2021.

JOAQUIM Calado. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**, c2021. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/joaquim-calado/dados-artisticos>. Acesso em: 25 ago. 2021.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5773096/mod_resource/content/1/LaraiaR_CulturaUmConceitoAntropologico.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

LAZARONI, D. **Chiquinha Gonzaga: sofreu e chorei, tive muito amor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online], v. 23, n. 02, 2014, p. 502-507. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/wMKm98rhDgn7zsfvxnCqRvF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MACEDO, S. M. S.; ORTEGA, C. D. Unidades de informação: termos e características para uma diversidade de ambientes de informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 326-347, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/84821/52404>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MATOS, M. I. S. de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v. 19, n. 19, p. 05-15, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/4503/3796>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MENEZES BASTOS, R. J. de; BASTOS, H. J. M. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos. Introdução, Tradução e Comentários. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 133-174, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15153>. Acesso em: 08 abr. 2021.

MERLO, F.; KONRAD, G. V. R. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. **Informação e Informação**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MIÑOSO, Y. E. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLANDA, H. B. de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MUGANAINI JR, A. **A jovem Chiquinha Gonzaga**. São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 2005.

OLIVEIRA, L. M. V. de; PENNA, P. L.; SOBRAL, C. C. de. Arquivos pessoais e intimidade: da aquisição ao acesso. **Revista do Arquivo**, v.1, p. 1-13, 2017. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/artigo_02.php. Acesso em: 19 ago. 2021.

PALMONARI, A.; CERRATO, J. Representações sociais e psicologia social. *In*: ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. (orgs.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2014. Ebook. Disponível em: <http://www.technopolitik.com.br/files/TRS%2050%20anos2aEdAbr17PDFsRp.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PEREIRA, Maria Cecilia Souza; CARMO, Lyvia Tavares Feliz do. A construção de uma história das mulheres: uma abordagem transdisciplinar. *In*: EDUCERE CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015. p. 23416-23425. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21938_10874.pdf. Acesso em: 17 ago. 2021.

PIANEIRO. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**, c2021. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/pianeiro>. Acesso em: 25 ago. 2021.

PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159-189, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rWNRkfDygzWfKMR3NMDk94S/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 18 abr. 2021.

QUEIROZ, E. Georgina de Albuquerque e a pintura impressionista no Brasil. *In*: ASSIS, M. E. A. de; SANTOS, T. V. dos (Org.). **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Editora Massangana, 2016. 246 p. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/Mem%C3%B3ria-feminina-mulheres-na-hist%C3%B3ria-hist%C3%B3ria-de-mulheres.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

QUEIROZ, J. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 13, p. 122-125, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36833>. Acesso em: 20 ago. 2021.

REZZUTTI, P. **Mulheres do Brasil: a história não contada**. Rio de Janeiro: LeYa, 2018. Disponível em: <https://docer.pl/doc/x18nsse>. Acesso em: 28 abr. 2021.

ROCHA, M. **Chiquinha Gonzaga e o “Forrobodó”**: o choro da Cidade Nova eternizou-se na história. 2017. Trabalho apresentado ao 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-1025-1.pdf>. Acesso em: 01 maio 2021.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RODRIGUES, C. Bela, recatada, do lar... e feminista. **Projeto Colabora**, 2017. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/artigo/bela-recatada-do-lar/>. Acesso em: 05 set. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SILVA, A. A. G. da; BORGES, J. Arquivos secretos eclesiásticos em Salvador.. **Informação & Informação**, [online], v. 14, n. 2, p. 38-61, dez. 2009. ISSN 1981-8920. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/2858>. Acesso em: 03 set. 2021.

SILVA, P. H. S. Quem foi Marielle Franco? Conheça a sua história. **Politize!**, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/quem-foi-marielle-franco/>. Acesso em: 05 set. 2021.

SIMSON, O. R. de M. V. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, maio 2003. ISSN 2316-3852. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57. Acesso em: 25 abr. 2021.

SOUZA, I. C. de; GUASTI, M. C. F. A. Cultura africana e sua influência na cultura brasileira. In: Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação, 41., 2018, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UNIRIO; UFRJ; UFF, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/12906/1/510.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

TEODORO, R. Secretaria da Cultura: qual a sua função?. **Politize!**, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/secretaria-da-cultura/>. Acesso em: 05 set. 2021.

VANNUCCHI, A. **Cultura Brasileira**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/aldo-vannucchi-cultura-brasileira-o-que-e-como-se-fazpdf-3-pdf-free.html>. Acesso em: 20 abr. 2021.